



**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

Mestrado em Sociologia

Área de especialização | Recursos Humanos

Relatório de Estágio

**Uma rua para todos: Realidades e desafios das pessoas com problemas de mobilidade na cidade de Évora**

Abigail Rute Simões Godinho de Matos Varandas

Orientador(es) | Bruno Dionísio

Évora 2023

---

---

---

---



---

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Sociologia**

Área de especialização | Recursos Humanos

Relatório de Estágio

**Uma rua para todos: Realidades e desafios das pessoas com problemas de mobilidade na cidade de Évora**

Abigail Rute Simões Godinho de Matos Varandas

Orientador(es) | Bruno Dionísio

Évora 2023

---

---

---

---



O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Rosalina Pisco Costa (Universidade de Évora)

Vogais | Alexandre Miguel Cotovio Martins (Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação de Portalegre) (Arguente)  
Bruno Dionísio (Universidade de Évora) (Orientador)

## Agradecimentos

A minha primeira palavra de agradecimento é dirigida à minha mãe Maria do Rosário Varandas, por sempre apoiar as minhas decisões e acreditar nas minhas capacidades; ao meu padraсто Delfim Mendes, por nunca deixar que nada me faltasse. Em seguida, agradeço ao meu marido Joel Ligeiro, por sempre me motivar a fazer o melhor possível em todas as áreas da minha vida, por me ouvir quando estava cansada e sem vontade de continuar e por me lembrar a razão de continuar. Aos restantes membros da minha grande família, agradeço por todo o amor e carinho para comigo.

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Bruno Dionísio pelo acompanhamento ao longo deste percurso, pela sua paciência e pelas palavras que me trouxeram tranquilidade.

Agradeço ao coordenador de estágio Pedro dos Santos, por todos os ensinamentos, por ser meu amigo, mentor e o meu maior exemplo de sociólogo na área do associativismo. Agradeço a toda a equipa do Instituto Cultural de Évora por me mostrarem um bom exemplo de trabalho em equipa; apesar das nossas diferenças e interesses distintos conseguimos apoiar os projetos uns dos outros.

Agradeço a todos os meus amigos da Residência António Gedeão por me fazerem aproveitar a vida académica, que vai além dos conhecimentos adquiridos nas aulas, mas também são as boas memórias que nos marcam. Agradeço ainda à minha família académica Ana Raquel Silva, Raquel Elvas, Cláudia Macarrão, Filipe Tira-Picos, Rui Lagarto e Leonel Corado por toda a ajuda, amizade, motivação e confiança depositada em mim.

A todos, a minha gratidão.

Uma rua para todos: Realidades e desafios das pessoas com problemas de mobilidade na cidade de Évora

### Resumo

Este relatório aborda a temática da mobilidade, concretamente a mobilidade e organização urbana da cidade de Évora. A estrutura da cidade provém do seu passado histórico; apresenta características específicas e valorizadas que a classificam como património mundial. É trabalhoso fazer uma adaptação da mesma às necessidades da população que hoje vive na cidade. Face a esta problemática, integrei uma associação que trabalha as questões ligadas à cultura na cidade de Évora, de forma a poder desenvolver projetos e compreender a experiência de mobilidade da cidade.

Este relatório pretende contribuir com um conjunto de reflexões sobre a temática da acessibilidade para que sejam, futuramente, criadas medidas que melhorem a qualidade de vida de pessoas com problemas de mobilidade na cidade de Évora, para disfrutarem do espaço público como qualquer outro cidadão que não esteja condicionado.

**Palavras-chave:** Mobilidade urbana; Espaço público; Acessibilidade; Inclusão social; Pessoas com mobilidade condicionada

A street for everyone: Realities and challenges of people with mobility problems in the city of Évora

### Abstract

This project addresses the issue of mobility, specifically the mobility and urban organization of the city of Évora. The city's structure comes from its historical past; has specific and valued characteristics that classify it as a world heritage site. It is difficult to adapt it to the needs of the population that currently lives in the city. Faced with this problem, I joined an association that works on issues related to culture in the city of Évora, in order to be able to develop projects and understand the city's mobility experience.

This report intends to contribute with a set of reflections on the theme of accessibility so that, in the future, measures can be created that improve the quality of life of people with mobility problems in the city of Évora to enjoy the public space like any other citizen who is not conditioned.

**Keywords:** Urban mobility; Public Space; Accessibility; Social Inclusion; People with mobility problems

## Índice

<i>Introdução</i> .....	8
<i>Contextualização Teórica</i> .....	11
Conceção social de deficiência.....	11
Vulnerabilidades no Espaço Urbano .....	14
Acessibilidade.....	18
Papel da sociologia na intervenção urbana.....	19
O Associativismo e o papel a desempenhar pelo sociólogo .....	20
Retrato sociodemográfico da população de Évora .....	21
<i>Caracterização da Instituição</i> .....	23
<i>Estágio Curricular - Atividades Desenvolvidas</i> .....	25
Projeto “Évora Acessível” .....	26
Projeto “EcoBooks”.....	28
Projeto “Ebora Antiqua”.....	30
Candidaturas .....	32
Trabalho administrativo, participação e gestão de eventos .....	33
<i>Desafios e dificuldades</i> .....	35
<i>Considerações Finais – Uma análise reflexiva e crítica das práticas realizadas</i> .....	37
<i>Bibliografia</i> .....	40

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> - Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação.....	15
<b>Figura 2</b> - Divulgação da equipa do projeto "EcoBooks" .....	28
<b>Figura 3</b> - Divulgação da publicação do livro "Acessibilidade: algo que nem todos conseguem alcançar".....	29
<b>Figura 4</b> - Divulgação dos questionários sobre acessibilidade ao património rural.....	31
<b>Figura 5</b> - Foto representativa da presença do ICÉ no CMJÉ.....	33
<b>Figura 6</b> - Imagem de divulgação do Podcast do projeto "Ebora Antiqua" .....	34
<b>Figura 7</b> - Equipa do ICÉ presente no ENAJ .....	34

## Introdução

Este relatório é intitulado “Uma rua para todos: Realidades e desafios das pessoas com problemas de mobilidade na cidade de Évora” e dá conta da minha experiência de estágio realizada no Instituto Cultural de Évora no período entre fevereiro e junho de 2022.

Ao longo do presente relatório estão descritas as atividades que foram realizadas por mim ao longo destes meses; surgiram oportunidades de desenvolver competências que considero que me tornaram melhor socióloga. Pude partilhar espaço com jovens muito experientes na área do associativismo e desenvolver uma perceção sobre aspetos elementares da estrutura e funcionamento de uma associação, em especial, na área de organização de planos e projetos.

Neste relatório de estágio é possível compreender que, ao longo dos meses, foram surgindo experiências de intervenção, planeamento e de organização administrativa que considero cruciais para o desenvolvimento de uma visão sociológica sobre a cultura intrínseca dentro da associação, mas também entre associações que estavam presentes no mesmo espaço e com quem partilhávamos momentos de troca de conhecimento e entreajuda; desta forma, são estabelecidas relações de trabalho e também interpessoais, baseadas em confiança, mas também numa competitividade saudável. Em alguns pontos do relatório que retratam as experiências vividas no estágio, será possível verificar que não trabalhei sozinha, mas cooperando com outros colegas e membros de outras associações de forma a todos conseguirmos cooperar e adquirir novas aprendizagens.

Com este estágio procurei participar e envolver-me em atividades que me permitissem compreender o contexto de uma associação e usufruir dessas mesmas práticas para crescimento pessoal e profissional, mas também aproveitar a oportunidade para desenvolver e integrar projetos que fossem ao encontro dos meus interesses e objetivos de mestrado, a par do meu interesse em aprofundar a minha intervenção na área do associativismo.

Foi através desta oportunidade no ICÉ que fui ao encontro do tema geral do meu projeto de mestrado; aproveitando algumas atividades e projetos desenvolvidos durante o estágio, defini a população alvo como pessoas que habitam na cidade de Évora e que partilham e vivem as suas experiências diárias dentro das muralhas do centro histórico da cidade. Évora é uma cidade que apresenta património arquitetónico muito específico, que lhe concede o marco de “cidade património mundial da humanidade”, ou seja, inigualável e de extrema importância para a humanidade, porém, com essa preservação do património vêm algumas limitações no tipo de intervenção que se pode fazer na cidade e num mundo cada vez mais global, em busca da

igualdade de oportunidades e inclusão, Évora não proporciona a inserção de muitas pessoas nas suas atividades, na sua vivência enquanto cidade. Idosos e pessoas com problemas de mobilidade encontram dificuldades em aceder a muitas experiências e eventos que acontecem na cidade, ou até mesmo a alcançar os serviços que se encontram no centro histórico, aquilo que são as suas necessidades mais simples como ir a algum serviço público por necessidade – muitas vezes estas pessoas dependem da ajuda de outras pessoas para satisfazer práticas consideradas como sendo bastante simples, como ir às finanças, correios, ou segurança social, algo tido como simples para a maioria das pessoas que não têm obstáculos à sua mobilidade.

Acrescento ainda que o que mais me motivou para fazer estágio e procurar investigar a mobilidade em Évora está relacionado com uma experiência pessoal. A minha mãe apresenta dificuldades em andar e na grande maioria das vezes tem que estar apoiada em alguém ou usar uma ou duas canadianas, dependendo do seu estado de saúde, que tem vindo a oscilar cada vez mais. Quando é um dia “especial” e queremos comemorar, sendo ainda período de aulas, a vinda da minha mãe a Évora tem que ser planeada ao pormenor, saber onde almoçar num lugar com estacionamento perto e pensar onde ir a seguir, sendo que muitas vezes nem vamos a mais nenhum lugar porque não há forma da minha mãe percorrer a cidade. Subir a Rua da República a pé, umas das ruas que leva à Praça do Giraldo (lugar de referência do centro histórico de Évora) foi o maior sacrifício que a minha mãe fez e que não vai voltar a acontecer pois, ficou muito fragilizada depois de tal sacrifício. Se isto é todo o processo que tem que ser pensado uma vez de vez em quando, acho ainda mais complicado, pessoas idosas que têm que planear as suas saídas de casa minuciosamente, muitas vezes sozinhos e dependendo de transportes públicos, fazendo chuva ou sol, frio ou calor, há coisas que têm que ser inevitavelmente feitas. Escolhi abordar a mobilidade e acessibilidade porque considero que as perspetivas destas pessoas merecem a atenção de uma cidade que ainda não as acolheu, apesar de viverem nela toda, ou quase toda a sua vida.

Neste sentido, os meus objetivos específicos foram alterados desde o momento de preparação inicial, sendo os seguintes: 1) relacionar o perfil sociodemográfico social das pessoas que circulam em Évora e a sua experiência de mobilidade na cidade; 2) identificar os diferentes tipos de obstáculos à mobilidade na cidade de Évora; 3) analisar e caracterizar as medidas de apoio à mobilidade de pessoas com dificuldades na sua mobilidade; 4) analisar as diferentes experiências de mobilidade tendo em vista delinear estratégias de intervenção que melhorem o acesso de todos ao espaço público.

Este relatório está dividido em três partes. A primeira consiste numa contextualização teórica da problemática de estágio, em especial, as questões da mobilidade e o papel da intervenção associativa; a segunda parte consiste na caracterização da instituição que acolheu o estágio, e na

apresentação, descrição e reflexão sobre as atividades desenvolvidas tendo em vista a concretização dos objetivos iniciais; a terceira parte aborda todo um conjunto de outras tarefas, atividades e projetos em que foi possível participar na instituição durante o período de estágio. E, por fim, o relatório termina com uma apreciação e reflexão crítica acerca do trabalho desenvolvido durante o estágio.

## Contextualização Teórica

### Conceção social de deficiência

Existem várias formas de encarar o conceito de deficiência, em primeiro lugar, destacando o modo como é socialmente construído e, portanto, algo que não se nos apresenta como um dado natural. A própria sociedade constrói e impõe as barreiras físicas e psicológicas que constroem as pessoas que são portadoras de dificuldades físicas. Sendo a deficiência algo impactado pela sociedade então devemos ter em conta as condições de existência de cada pessoa, assim como o contexto e serviços que estão à disposição dos indivíduos – a deficiência deve ser compreendida como algo que faz parte de um contexto social específico e que depende de uma “visão plural”. A conceção do conceito de deficiência é algo que evolui historicamente, dependendo do seu contexto temporal, geográfico e cultural.

São vários os fatores que podem mudar a forma de pensar sobre a deficiência e o apoio a dar às pessoas; no caso português, o sismo de 1755 em Lisboa ou as invasões francesas em 1807, entre outros acontecimentos históricos, impulsionaram a criação de instituições públicas de apoio a pessoas com deficiências, durante o século XIX; porém, opressão e estigma não deixou de existir, por mais mudanças que tenham sido feitas, estas estavam muito focadas na separação das pessoas com deficiência do resto da sociedade através de asilos e hospitais (Fontes, 2016). Já no século XX, no final da década de 1960 chegam a Portugal vários homens feridos aos hospitais, resultado da guerra colonial; este acontecimento quebrou o silêncio político que existia em torno das políticas públicas existentes, ou a falta delas, e surge então o questionamento que deu início a uma consciência política que foi a base da criação de várias organizações de pessoas com deficiência, após 1974; isto impulsionou a luta pelos direitos de cidadania em Portugal e também se faz sentir as mudanças das políticas anteriormente existentes atendendo as pessoas com deficiência.

Como é claro, existe uma pluralidade de patologias, várias tipologias e categorias que impactam a pessoa que é portadora de alguma deficiência; são, por isso mesmo, muito diversas as circunstâncias e situações com que se depara, diferentes desafios dependendo daquilo que “suporta”. Da mesma forma, também o estigma é diferente; há deficiências que são socialmente mais estigmatizadas que outras. Aquilo que a sociedade considera como deficiente é uma representação social, ou seja, a opinião e conceção que é transmitida por agentes socializadores com o objetivo de simplificar a realidade e o modo de classificar algo. Surge então um esquema de perceção e classificação da realidade. Estas representações envolvem valores e uma avaliação

no plano social e individual com base em percepções transmitidas no processo de socialização e tal orienta e justifica certo tipo de comportamentos, comportamentos esses que são partilhados e que têm sentido com base nos valores transversais para a sociedade. As formas de encarar e perceber a saúde e a doença, o saudável e o patológico, o normal e o desviante, são socialmente produzidas através de processos de socialização, ou seja, transmissão de valores, papéis e comportamentos sociais, seja de forma formal (através da escola, contextos de trabalho ou familiares), ou de forma “mais natural” em contextos de interação que não envolvem qualquer tipo de papel pré-definido nem objetivos específicos de adquirir informações/conhecimentos – a transmissão destes valores é aquilo que forma a evolução da sociedade, onde a realidade é produzida por pessoas que ao mesmo tempo se deixam influenciar pela mesma.

As representações orientam o nosso comportamento e o estigma surge das representações sociais negativas associadas a certos fenómenos; sempre que não conseguimos ir ao encontro das representações sociais, somos “deslocados” de certos contextos e alvo de marginalização. O estigma ocorre quando características, traços e comportamentos são conotados como negativos porque se afastam da norma/estereótipo (Tavares, 2016); isto gera novas formas de desvalorização social de indivíduos e grupos sociais.

Este conceito foi desenvolvido por Erving Goffman no seu ensaio “Notas sobre a natureza da identidade deteriorada”. Este autor distinguiu três tipos de estigma; o primeiro encontra-se relacionado com algum tipo de deformidade ou problema físico; o segundo está relacionado com o carácter individual, englobando aspetos como paixões não naturais, crenças falsas, desonestidade ou ainda algo ligado a distúrbios mentais, vícios, tentativas de suicídio entre outros aspetos; por fim, o estigma que é transmitido por gerações e que diz respeito a um grupo social que é influenciado pelo estigma da mesma forma (Goffman, 1988). O que está em causa neste ponto é a ligação entre as expectativas sociais e os comportamentos que se encontram entre “as linhas da normalidade” provenientes da ideia de estereótipo (denominado por Goffman como “identidade social virtual”) e as características e atributos que as pessoas realmente têm (algo que Goffman chamou de “identidade social atual”); neste sentido, Goffman associa a situação de estigma e de desvio (Tavares, 2016). “As formas de estigmatização social criadas em torno das diferentes doenças variam em função da própria natureza dessas doenças e dos estereótipos sociais que são cultural e historicamente variáveis.” (Tavares, 2016, p.60).

Certos preconceitos surgem da necessidade que temos de organizar a complexidade de problemas sociais e daquilo que pressupomos como organizado tendo em atenção a complexidade de situações e posições que formam a estrutura social.

As questões relacionadas com a discriminação de pessoas com deficiência são alvo de estudo e destaque. No relatório intitulado “Pessoas com Deficiência em Portugal - Indicadores de Direitos Humanos 2021” organizado pelo Observatório da Deficiência e Direitos Humanos, estão descritos e realçados dados e informações de várias áreas de entre as quais a discriminação. Destaco que, em Portugal, no ano de 2020, a propensão para uma pessoa portadora de deficiência passar por situação de pobreza e exclusão é bastante superior para alguém que não tem qualquer deficiência, cerca de 28,5% para 16,8% e tal disparidade é mais notória nas pessoas entre os 16 e 64 anos. Por sua vez, os agregados familiares com pessoas com deficiência grave enfrentam maior risco de pobreza e exclusão social do que pessoas em agregados familiares tendo deficiência moderada e que pessoas que não têm deficiência. Dentro desta realidade, em 2020, são os agregados de mulheres com deficiência que enfrentavam uma maior possibilidade de pobreza ou exclusão social, apesar de não ser muito díspar (26,8% e 24,6%).

Segundo Durkheim, tudo pode ser mentalmente representado sendo, por isso, funções mentais; é tudo o que pensamos sobre nós mesmos e sobre o que está ao nosso redor. As representações coletivas são algo superior às representações individuais e são a prova da existência da sociedade (Oliveira, 2012). É a partir da ideia de representações coletivas e consciência coletiva que surge o conhecimento que dá sentido às ações sociais. A realidade é só uma e não é possível dividi-la, existe a dimensão individual e a social e só existe esta separação atendendo à forma de encarar e interpretar a realidade – são a mesma coisa, apenas mudando a forma como a realidade é observada e analisada, atendendo às especificidades de ângulos de cada ciência (Tavares, 2016).

“Uma das características do conceito de representações sociais prende-se com o entendimento de que estas não resultam apenas da subjetividade de cada indivíduo, mas formam-se em determinados contextos sociais, assumindo um nível explicativo diferenciado consoante a interpretação desses contextos [...] as representações, bem como as práticas sociais, têm uma forte associação com as classes sociais, o género, a etnicidade, os espaços territoriais, os grupos etários [...]”. (Tavares, 2016, p. 44)

Da mesma forma como Durkheim trabalhou as representações sociais, procurarei focar as representações existentes relativamente à deficiência na perspetiva da realidade social de Évora e a visão que as pessoas com problemas de mobilidade têm de si e das relações com os objetos que as afetam.

## Vulnerabilidades no Espaço Urbano

Com este trabalho pretendo olhar para o espaço urbano como algo para além da identificação de barreiras que possam eventualmente impossibilitar a presença de pessoas que apresentam dificuldades na sua mobilidade. Procurarei entender a própria configuração do espaço que leva a esse fenómeno; irei identificar as características do espaço que influenciam diretamente a vivência quotidiana destas pessoas.

As opções e comportamentos individuais, especialmente no que diz respeito a estilos de vida e opções estruturantes relacionadas com as condições sociais de existência, são algo que não depende exclusivamente de escolhas subjetivas, mas também envolvem as condicionantes sociais, entre as escolhas dos indivíduos e as diferentes possibilidades dependentes das condições sociais de existência, tendo em conta recursos e capitais. Após a segunda guerra mundial, com o desenvolvimento do Estado Providência, as orientações das políticas sociais passaram a estar orientadas para objetivos que procuram garantir a equidade social e, por sua vez, a redução de desigualdades sociais através de medidas que projetam os cidadãos em diversas vertentes como a educação, emprego, habitação, segurança social e, claro, saúde como uma área prioritária (Tavares, 2016).

Os obstáculos existentes no espaço urbano podem levar à falta de interação com uma rede de relações entre indivíduos, o que pode contribuir para um fechamento no espaço doméstico (Amor, 2011) e, segundo vários autores, esse é um fator crucial dos processos de isolamento e exclusão social; existem até então, múltiplos estudos que abordam a relação entre a participação social e a qualidade de vida dos idosos que são uma parte da população que podemos também referir que é influenciada pelas barreiras do espaço urbano. O mesmo se pode transparecer para as pessoas com problemas físicos e que encontram os mesmos obstáculos no seu dia a dia. Neste sentido, irei destacar ao longo deste capítulo, conclusões e ideias que partem da experiência de idosos, mas que são complicações, na sua maioria físicas, que podem ir ao encontro da vivência das pessoas que apresentam as mesmas dificuldades de mobilidade.

É importante salientar que as dificuldades de mobilidade afetam várias pessoas que apresentem algum tipo de vulnerabilidade e não apenas pessoas que apresentem complexidades físicas, mas também idosos, principalmente. No entanto, não havendo uma deficiência ou vulnerabilidade, existem obstáculos no espaço público que dificultam a mobilidade no espaço cidadão. Acrescentar que, no questionário individual dos Censos 2021 foram expostas perguntas de

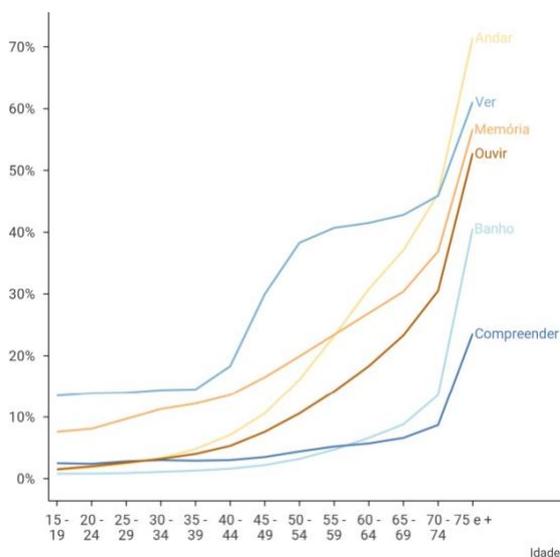


Figura 1 - Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

resposta facultativa para indivíduos com 15 ou mais anos, sobre sua mobilidade, quais as suas dificuldades diárias ligadas a problemas de saúde e como afetam a realização de atividades práticas. A maioria das pessoas que respondeu a estas questões afirma que não apresenta quaisquer dificuldades; no entanto, é importante destacar que ao nível do andar, 23,1% das pessoas que responderam apresentam essa dificuldade. Destacando as dificuldades por idades, está descrito que existe uma tendência crescente para o agravamento em todas as dificuldades a

partir dos 40 anos, atingindo o máximo nas idades superiores aos 75 anos. O seguinte gráfico está apresentado na infografia dos resultados definitivos referentes aos Censos de 2021 e representa a população com 15 e mais anos com algum grau de dificuldade, por tipo de dificuldade e idade referente a 2011 e 2021.

Como é possível observar, quanto mais a população é envelhecida, são maiores as suas dificuldades e o gráfico apresenta que a dificuldade em andar é a que tem maior percentagem nos indivíduos que têm 70 e mais anos, aproximadamente.

São vários os fatores que condicionam a mobilidade dos indivíduos, em algumas situações, são os confrontos existentes com obstáculos físicos ou o receio de os encontrar, já antecipando a situação. Ao antever os riscos a que se estão a expor, muitos idosos tendem a evitar a prática de certas atividades que consideram indispensáveis (como ir ao médico ou às compras) (Amor, 2011). Existem várias barreiras que podem levar ao isolamento social dos idosos, podendo elas ser físicas, como já foi falado, entre as quais: “gestão do espaço público, transportes, representações sociais [...]”(Amor, 2011, p.25) , as barreiras pessoais, que passam pela funcionalidade do indivíduo e as suas capacidades físicas, psicológicas e cognitivas, assim como as barreiras de interação que estão relacionadas com a necessidade de adaptação às competências exigidas para executar certos procedimentos (Amor, 2011). O pensamento que tem vindo a ser cada vez mais generalizado nos dias de hoje assenta no engrandecimento da ideia de autonomia e de “indivíduo autónomo”, sendo valorizada a vida ativa, o envelhecimento ativo, a realização ativa de múltiplas atividades que promovam a identidade de cada pessoa e a realização pessoal;

porém, esse “sonho” de um indivíduo autônomo e ativo esbarra num conjunto de obstáculos, entre eles, o do espaço urbano.

Acrescente-se ainda que a compreensão do isolamento social decorre igualmente da consciência de que, na maior parte dos casos, o acumular de episódios hostis com que as pessoas idosas (ou com dificuldades de mobilidade) se deparam, faz crescer uma percepção de que não é seguro estar no espaço urbano; são demasiadas situações “perigosas” que são antevistas e que provocam constrangimentos à participação social. De uma forma mais pormenorizada, são destacados três tipos de obstáculos específicos: os relacionados com os acessos aos transportes públicos, ao acesso aos serviços públicos e os relacionados com a mobilidade pedonal.

“No que se refere aos obstáculos associados à mobilidade pedonal são particularmente referenciados os desníveis e as escadas (agravados pela inexistência de pontos de apoio); a altura excessiva dos degraus e/ou a irregularidade dos mesmos; a altura excessiva dos passeios; a utilização de materiais que dificultam a aderência ao andar (piso escorregadio); a largura dos passeios<sup>17</sup>; a inexistência de passeios desnivelados; a inexistência de rampas de acesso e/ou a inclinação de algumas delas (nos casos em que existem).” (Amor, 2011 p. 26)

Segundo Teresa Amor, os relatos dos idosos destacam os elementos arquitetónicos como um aspeto importante para a sua mobilidade; falam na necessidade de um apoio (corrimão) para se ampararem, algo que pode ser dispensado por muitos, mas que para os idosos faz uma grande diferença, da mesma forma para pessoas que têm dificuldades ou patologias que impedem uma mobilidade mais fluída e segura perante dificuldades. Um aspeto igualmente interessante que se encontra neste estudo é o relato do obstáculo que representam as dimensões de certos equipamentos ou serviços, ou seja, caixas de multibanco ou outros dispositivos que se encontram muito alto ou portas de entrada de serviços públicos que são muito pesadas.

Não existem muitos elementos que deem segurança a estas pessoas para saírem de casa, são poucas as coisas que as motivam, acabando por apenas se deslocar quando é estritamente necessário, quando têm que fazer atividades que apenas eles podem fazer (ir ao médico, por exemplo). No ambiente hostil do espaço urbano é necessário confrontar quais os elementos que atendem à integridade física dos indivíduos; atender à necessidade de descanso e abrigo em bancos no espaço público (Amor, 2011). As pessoas com deficiência continuam a ser alvo de

exclusão, discriminação e violência (Fontes, 2016) e, por isso, é importante atender às necessidades da população, dando-lhes a possibilidade de estarem presentes na vida pública e de criarem relações, de saírem das suas casas sem sentir insegurança ou outro tipo de impedimento. Parece uma ideia utópica, porém, defendendo que é necessário começar de alguma forma e isso só pode acontecer de uma forma interventiva.

“[...] o foco na construção social da deficiência não nega, de forma alguma, a existência do corpo e o impacto das incapacidades na vida das pessoas com deficiência; procura, sobretudo, prevenir um excesso de atenção aos aspetos biológicos que tem criado a ideia de que se trata de um problema eminentemente individual e médico, absolvendo a sociedade e as suas lógicas de funcionamento na produção da exclusão das pessoas com deficiência.” (Fontes, 2016, p. 36)

Conforme a informação exposta por Fernando Fontes (2016), o mesmo afirma que as pessoas portadoras de deficiência estão sobre representadas nos grupos sociais mais vulneráveis e pobres, sendo que o seu acesso à educação, classificações académicas e condições de acessibilidade a habitações entre outros aspetos, nos fazem reconhecer as necessidades destas pessoas e a situação de exclusão e dependência que as mesmas atravessam. O mesmo autor afirma que muitas das barreiras que se impõe a estes indivíduos partem da conceção social de deficiência, dado que a mesma é tratada como uma limitação para participar na vida social e acrescenta, que quebrar essas barreiras requer um questionamento de construções sociais e culturais já muito enraizadas, sendo necessário substituir estas ideias por pensamentos mais inclusivos; afirma que, na sociedade portuguesa, as restrições e obstáculos que as pessoas portadoras de deficiência atravessam na sua vida quotidiana têm sido “naturalizados” dadas as suas limitações, sendo por isso tidos como sujeitos passivos e dependentes e as suas vozes não têm sido ouvidas, mesmo nos aspetos que lhes dizem diretamente respeito (implementação de políticas sociais que não fazem jus às necessidades e ainda oprimem mais as pessoas com deficiência). Fernando Fontes, ao destacar no seu livro os fenómenos de opressão e de exclusão das pessoas com deficiência, é uma fonte rica para as atividades que foram realizadas no meu estágio curricular.

## Acessibilidade

No que diz respeito à acessibilidade, este é um tópico crucial a ser falado, sendo abordado no “O Guia Prático: Os Direitos das Pessoas com Deficiência em Portugal”, um livro eletrónico (eBook) que reúne informação referente a serviços públicos em Portugal atendendo a situação das pessoas portadoras de deficiência e fazer uma chamada de atenção à promoção de inclusão destas pessoas.

Mais concretamente, neste documento é mencionado que o conceito de acessibilidade diz respeito a uma característica do ambiente ou objeto que possibilita as pessoas relacionar-se com o contexto que está à sua volta, ao espaço público e elementos cruciais que o caracterizam, como transportes, comunicação e informação, procurando que os indivíduos o façam da forma mais autónoma possível. Ainda referente à acessibilidade, neste guia é destacado o Decreto de Lei nº163/2006 de 8 de agosto, que enfatiza o seguinte:

“A promoção da acessibilidade constitui um elemento fundamental na qualidade de vida das pessoas, sendo um meio imprescindível para o exercício dos direitos que são conferidos a qualquer membro de uma sociedade democrática, contribuindo decisivamente para um maior reforço dos laços sociais, para uma maior participação cívica de todos aqueles que a integram e, conseqüentemente, para um crescente aprofundamento da solidariedade no Estado social de direito.” (Simplex+, 2019, p.77)

Conforme este documento, existem normas técnicas que permitem a pessoas com mobilidade condicionada deterem possibilidade de melhorar a sua condição de acessibilidade. As áreas urbanas devem ter percursos pedonais que sejam favoráveis para a segurança das pessoas com mobilidade condicionada e os mesmos devem permitir acesso a diferentes equipamentos públicos, estacionamento, paragens de transportes públicos, entre outros serviços. Edifícios e estabelecimentos devem ter um percurso acessível, que possibilite a entrada e saída de pessoas com mobilidade reduzida, facilitando a chegada aos diversos serviços públicos, sendo que o seu funcionamento deve ser igualmente acessível a este público. Cabe às autarquias fazer a fiscalização e fazer cumprir estas normas, conforme o regime da urbanização e edificação.

No que diz respeito ao acesso a espaços culturais, os mesmos devem preparar e ter acesso específico, assim como lugares reservados apenas para pessoas com necessidade para tal, no

entanto, por natureza do espaço em si, pode apenas haver um acesso parcial, não sendo possível visitar o monumento/museu na sua totalidade. (Simplex+, 2019, p.70).

### Papel da sociologia na intervenção urbana

De forma a enquadrar a questão da acessibilidade do espaço público a todos, é necessário debruçarmo-nos sobre o tema da reabilitação urbana e como é possível fazê-la tendo em atenção as características específicas de cada território, tendo em consideração os seus elementos históricos e culturais. O ponto de vista e discussão trazidos pela sociologia urbana são importantes e podem contribuir para auxiliar o planeamento e a produção de políticas públicas mais ajustadas aos desafios reais (Rodrigues, 2005). Como afirma Worsley (1977), “O desenvolvimento das cidades e a urbanização do mundo moderado são factos extremamente importantes que constituem um desafio fundamental para o sociólogo.”

No caso da cidade de Évora, a mesma é classificada com o título de Património Mundial e com isso é dada uma enorme importância à preservação do património e à organização e estrutura da cidade e de cada elemento urbano. Nisto, devem estar salientados todos os elementos a ter em conta quando se concretiza uma ação de planeamento socioterritorial. Quando um sociólogo se encontra perante uma intervenção deve ter em conta todos os aspetos prévios à ação a realizar: “[...] existência prévia do sistema de actores, do respetivo jogo, das lógicas de relação de poder e quadros de ação enraizados, onde pontuam os factores estruturais do contexto societal e as especificidades locais, em que a parceria se inscreve, incluindo todos os mecanismos de poder, respectiva desigualdade e factores de inclusão de uns e exclusão de outros.” (Rodrigues, 2005, p.28). É necessário atender a vários aspetos que estão relacionados com a especificidade dos territórios e isso também agrega as desigualdades sociais e as dinâmicas que o território tem e que formam padrões de mobilidade específicos (Santos, 2014). Isto inclui também a segurança, o bem-estar que o espaço proporciona e a liberdade para a existência de relações interpessoais ou, por outro lado, condicionantes que possam existir no território ou nas pessoas que nele circulam; como é claro, há grupos populacionais que se encontram mais sujeitos e condicionados pela estrutura do espaço.

Em estudos feitos acerca da Área Metropolitana de Lisboa, verifica-se a existência de uma zona urbana mais qualificada e uma zona suburbana que não apresenta as mesmas condições de mobilidade; isto é um aspeto que se pode transpor para a realidade de Évora, embora ainda não tão trabalhado, mas claramente visível pela distinção “popularmente” feita entre o centro da

cidade, dentro das muralhas, e a restante parte da cidade, fora das muralhas, que começa a dispersar os serviços e edifícios de habitação. Resta explorar e observar, demograficamente, onde se situa a população com mais dificuldades de deslocação e mobilidade física e principalmente quais os meios que usam para se deslocar, pois, é essencial averiguar a importância das diferentes perspetivas sobre a mesma realidade de modo a definir bem os problemas, assim como as soluções encontradas (Fontes, 2016).

## O Associativismo e o papel a desempenhar pelo sociólogo

Exercer a profissão de sociólogo ou socióloga está muitas vezes circunscrito à realidade da academia, no entanto, existem profissionais na área da sociologia que exercem a sua profissão “camuflados” pelas suas práticas profissionais. Segundo António Firmino da Costa, no seu texto “Será a Sociologia profissionalizável?”, de forma a explicar o processo evolutivo da sociologia, divide-a sobre três ângulos distintos: ciência, formação e profissão. Enquanto ciência, é importante compreender o processo teórico e conceptual que está bastante ligado à investigação e por sua vez, ligado à academia. Em termos de formação, também bastante ligado à vertente académica, é um processo baseado no processo de obtenção de conhecimentos e competências agregadas a esta mesma ciência. No que diz respeito à profissão, existem inúmeras possibilidades e campos a explorar para que o(a) sociólogo(a) possa colocar em prática as suas capacidades (Costa, 2004, p.37).

Independentemente da vertente escolhida pelo sociólogo, integrando um centro de investigação ou trabalhando em qualquer outra área fora da academia, seja numa câmara municipal, num hospital ou num centro de acolhimento de crianças ou idosos, as suas competências e saberes são essenciais para que o mesmo possa exercer a sua atividade; as metodologias apreendidas, assim como todas as ferramentas conceptuais demonstram-se úteis na sua profissão. Independentemente da área de atuação do sociólogo, é importante ter uma visão de todo o contexto. No que diz respeito à prática da sociologia fora da academia, existe um lado de prestação de serviço à comunidade, sendo destacada a vertente “social”; é uma ciência manifestada de forma pública, o seu exercício é materializado muitas vezes na forma de prestação de serviços para a comunidade, procurando dar resposta a problemas e preocupações sociais (Oliveira, Levezinho, 2015, p.75).

Tal como afirma Costa (2018, p.83) “Os sociólogos, todos eles, têm uma formação científica de base em sociologia; porém, exercem atividades profissionais muito diversas, em múltiplas áreas, no desempenho de uma grande variedade de papéis profissionais.”; isto não significa que outros profissionais não desempenham o mesmo papel, apenas que há funções que podem ser exercidas

por um sociólogo e outro profissional de outra área. Existem funções que são exclusivas de um profissional especializado, muitas vezes o que acontece é trabalho em equipa de forma a existirem várias perspetivas de interdisciplinaridade na intervenção social. Acontece que, tal como outros profissionais, os sociólogos utilizam os seus conhecimentos base, metodologias e teorias, como contributos importantes e específicos que são claramente preciosos, que vão mais além da sua experiência profissional, e a perspetiva diferente que é por eles trazida, muitas vezes soluciona problemas de natureza relacional, soluções envoltas em significados e dinâmicas sociais e culturais que são mais facilmente perspetiveis pelo sociólogo (Costa, 2018, p.83).

“O facto de os sociólogos terem vindo a conseguir emprego diversificado e desempenhar um vasto leque de atividades profissionais, não constitui um défice ou limitação, mas sim um resultado claramente positivo. Os sociólogos não estão circunscritos a um “nicho” profissional. Pelo contrário, têm vindo a conseguir atuar profissionalmente em variadíssimas áreas de atividade e em múltiplos papéis profissionais, grande parte deles de nível bastante qualificado”. (Costa, 2018, p.85)

A sociologia orientada para a intervenção social é uma componente enquadrada numa lógica específica, assim como num espaço igualmente próprio; as dinâmicas que se aplicam numa determinada realidade podem não funcionar noutro contexto – cabe aos sociólogos criar uma nova estratégia e dinâmica para entender os problemas do momento, as necessidades da comunidade. É papel do sociólogo delimitar o posicionamento da componente prática numa situação específica, com objetivos específicos (Santos, Baltazar, 2017, p.17). Como referido anteriormente, os sociólogos têm diversas áreas de atuação, participando em diversas dinâmicas de trabalho e convivendo em equipa com outros profissionais de outras áreas de formação e assim são desenvolvidos estudos e cresce a intervenção-ação, logica baseada no apoio de um financiador e o sociólogo que deve desenvolver um resultado prático com utilidade.

### Retrato sociodemográfico da população de Évora

Conforme a Carta Social do Concelho de Évora de 2018 e atualizada a fevereiro de 2021, existem 4 formas de respostas sociais junto da população idosa, no município de Évora, sendo estas: Centros de Convívio, Centros de Dia, Estrutura Residencial para Idosos e Serviço de Apoio ao Domicílio. Estas respostas são estruturas com equipamentos especializados e atividades de

natureza cultural e recreativa para os idosos, com o objetivo de desenvolver a participação das pessoas idosas na comunidade; são locais que prestam serviços que para a manutenção das pessoas idosas no seu meio sociofamiliar; estruturas residenciais para alojar de forma temporária ou permanente, pessoas que necessitem de cuidados de enfermagem; no caso do apoio ao domicílio, este é um serviço de cuidados individualizados e personalizados, prestado ao domicílio quando, por motivos de doença, deficiência ou outro impedimento, não seja possível assegurar estes cuidados básicos da vida diária. Estes serviços estão distribuídos por diversas associações situadas nas várias freguesias do concelho de Évora.

O Alentejo, segundo os dados recolhidos nos Censos de 2021, é a região do país em que o índice de envelhecimento mais aumentou, relativamente aos dados anteriores de 2011; este valor é de 219 idosos por cada 100 jovens da região. Isto significa uma maior dificuldade de satisfazer a necessidades dos idosos pois a população jovem que futuramente entrará no mercado de trabalho não será suficiente para sustentar e apoiar o elevado número de idosos. Esta é uma realidade para a qual devemos estar atentos, não sendo sinónimo de algo negativo, mas devemos estar preparados através de políticas publicas para assegurar as condições de vida dos idosos.

Segundo dados apresentados pela plataforma online do PORDATA, existem em Évora 12 629 pessoas com 65 e mais anos, sendo que 2966 dessas pessoas são consideradas famílias clássicas unipessoais, ou seja, são quase 3 000 idosos que vivem sozinhos no município. É importante atender às necessidades destes idosos que podem não ter condições para satisfazer necessidades básicas e requerer ajuda.

No que diz respeito às pessoas adultas portadoras de deficiência, o concelho de Évora apresenta Apoio em Regime Ambulatório, Centros de atendimento/acompanhamento e Animação para pessoas com deficiência, Centros de Atividades Ocupacionais, Formação Profissional, Lar Residência e Residência Autónoma. Existem apoios a pessoas com deficiência a partir dos 7 anos, às suas famílias e técnicos da comunidade; estes serviços podem consistir em atividades de orientação e intervenção terapêutica e socioeducativa, com o apoio de equipas transdisciplinares; são serviços orientados para ajudar as pessoas com deficiência a desenvolver de competências e resolução dos seus próprios problemas, assim como atividades socioculturais. Os lares e residências são espaços preparados com equipamentos para alojar pessoas com deficiência que se encontrem impedidos temporariamente ou de forma definitiva, a residir no seu meio familiar.

## Caracterização da Instituição

O Instituto Cultural de Évora (ICÉ) é um agente cultural sem fins lucrativos que nasceu a 17 de fevereiro do ano de 2011 a fim de promover projetos, iniciativas e atividades culturais locais, regionais, nacionais e internacionais direcionadas para um público diversificado, principalmente no distrito de Évora. A entidade, com 11 anos de existência, foi criada com vista a dar resposta às necessidades culturais sentidas na região de Évora, apostando em estratégias inovadoras e diferenciadas e promovendo novas práticas culturais. O Instituto Cultural de Évora dinamiza todo o tipo de atividades culturais em todas as áreas integrantes da cultura: literatura, leitura e escrita, artes visuais, História e património cultural, música, teatro, fotografia e cinema. As atividades são dinamizadas por uma equipa composta por jovens motivados e de várias áreas de estudo diferentes.

Até finais de 2018, o Instituto Cultural de Évora dinamizou atividades culturais destinadas a um público sénior, concentradas na formação e capacitação cultural dos seus participantes. Entre 2018 até outubro de 2020, o trabalho a ser desenvolvido por este agente cultural passou a ser focado no património cultural rural eborense, dinamizado através de um projeto internacional intitulado *International Youth Workers and Rural Heritage Promotion*, realizado em parceria com *Camera di Commercio Italiana per il Portogallo*.

A 10 de novembro de 2020, uma nova direção assumiu a liderança do Instituto Cultural de Évora, sendo igualmente a direção mais jovem na história do ICÉ, na presidência de Pedro Dos Santos. Com esta nova geração surge uma visão diferente, objetivos e planos que requerem formas de trabalho mais inovadoras e com pensamentos mais jovens; o Instituto passou por diversas reformas em 2021, nomeadamente, a criação de um corpo técnico composto por jovens até aos 30 anos de idade, a entrada do ICÉ para o Registo Nacional do Associativismo Jovem, a entrada do ICÉ para o Conselho Municipal de Juventude de Évora e uma nova visão na elaboração de projetos culturais locais, regionais, nacionais e internacionais. A nova direção entrou num período conturbado marcado pela pandemia mundial causada pelo Vírus SARS-COV2, o que obrigou à adaptação aos vários desafios, particularmente, a realização de projetos culturais adaptados à nova realidade social em que Évora e o resto do globo se encontravam.

No entanto, apesar das adversidades e com as reformas implementadas na instituição, o ICÉ, em 2021, promoveu a Primeira Antologia de Poesia do distrito de Évora; obteve o recorde regional de maior participação por Continentes em Antologias Poéticas no Alentejo; alcançou o recorde

regional de maior participação juvenil em coletâneas poéticas do Alentejo; promoveu o Primeiro Poemário Eborense; ganhou o Prémio de Boas Práticas de Voluntariado do Alentejo 2021.

Entre janeiro de 2022 e julho do mesmo ano, o Instituto Cultural de Évora: entrou para a Comissão Permanente do Conselho Municipal de Juventude de Évora e passou a exercer funções de Secretariado no Conselho Municipal da Juventude; começou a integrar parte da Direção da Federação Nacional das Associações Juvenis (FNAJ); passou a exercer funções de Tesouraria na Direção da Federação Regional de Associações Juvenis do Alentejo (FRAJAL); promoveu, em parceria com o Grupo Literário *Wise Winds-Ventos Sábios*, a primeira Coletânea de Poetas Poéticos do Alentejo e do Vale do Tejo; dinamizou o primeiro evento de Cultura Pop Japonesa do Alentejo, intitulado “Évora Anime”.

Atualmente o ICÉ continua a dinamizar vários projetos, atividades e iniciativas de todas as áreas culturais para todos os públicos, estando ainda numa fase de expansão e crescimento.

## Estágio Curricular - Atividades Desenvolvidas

As atividades e tarefas que são descritas neste capítulo desenvolveram um domínio de instrumentos teórico-práticos essenciais para a aprendizagem que foi desenvolvida ao longo do contexto de cinco meses de estágio curricular.

Ao longo deste período de estágio, procurei ir ao encontro dos objetivos deste relatório; os mesmos são: 1) relacionar o perfil sociodemográfico social das pessoas que circulam em Évora e a sua experiência de mobilidade na cidade; 2) identificar os diferentes tipos de obstáculos à mobilidade na cidade de Évora; 3) analisar e caracterizar as medidas de apoio à mobilidade de pessoas com dificuldades na sua mobilidade; 4) analisar as diferentes experiências de mobilidade tendo em vista delinear estratégias de intervenção que melhorem o acesso de todos ao espaço público.

Entrei em contato com associações que trabalham de perto com pessoas que sentem em primeira mão as maiores dificuldades de mobilidade, ou seja, idosos e pessoas com deficiências físicas. Neste sentido, estive em contacto com a Universidade Sénior de Évora e com a Associação de Paralexia Cerebral de Évora que possibilitaram a aproximação a este público. Através da realização de entrevistas informais a quatro idosas, e a um grupo de pessoas com paralexia cerebral e seus cuidadores, pude salientar quais são as maiores dificuldades que estas pessoas atravessam no seu quotidiano e como se sentem limitadas por obstáculos exteriores à sua condição física e que inibem a sua participação no espaço urbano. Évora é um município com várias medidas de apoio a pessoas portadoras de alguma deficiência e pessoas idosas, sendo que estas duas associações são dois exemplos de organizações que procuraram ajudar e manter estas pessoas ativas. Foi bastante claro, nos momentos que pude conversar com estas pessoas, que existem muitos aspetos que necessitam de ser melhorados para facilitar a vida destas pessoas, em especial as suas experiências de mobilidade. Com estas experiências, enquadradas nas diferentes atividades e projetos realizados, acredito que fui ao encontro dos objetivos inicialmente delineados.

A maior parte das atividades que realizei apresentam uma componente teórica, de desenvolvimento de conhecimentos administrativos, mas também partes bastante práticas que são parte crucial do percurso neste estágio. Foi possível trabalhar em equipa, com membros do Instituto Cultural de Évora (ICÉ). Em seguida estão as atividades que foram realizadas.

## Projeto “Évora Acessível”

Este projeto foi acompanhado por mim desde o início; realizei a candidatura do mesmo, tendo construído os seus objetivos e atividades a realizar desde raiz; criei as dinâmicas e parcerias necessárias, assim como a dinâmica de grupo que foi crucial para a realização de muitas atividades. Este projeto está baseado numa ótica de intervenção social, trazendo de forma direta, contributos que merecem atenção e reflexão para melhorar a qualidade de vida da comunidade eborense; consiste na organização de um livro digital que contenha os testemunhos e vivências de jovens (testemunhos esses que serão analisados de seguida) acerca da sua experiência com a cidade de Évora e as suas particularidades, especialmente a mobilidade. Deste modo, através de contactos informais e na realidade específica de jovens universitários, que conhecem outras realidades atendendo às cidades de onde são oriundos, foi possível juntar histórias, perspetivas e experiências que podem impactar a vida de muitas pessoas, trazendo transformação e mudanças cruciais para o desenvolvimento da cidade de Évora. Da mesma forma, o segundo momento do projeto consiste no desenvolvimento de um artigo científico, que será publicado posteriormente, baseado em três grupos focais, que terão discussão acerca da temática da acessibilidade vista através do olhar de públicos distintos (pessoas idosas; cuidadores informais e decisores políticos, tendo sido apenas realizados grupos focais apenas com os primeiros dois públicos mencionados).

Esta atividade foi bastante gratificante e, apesar de ainda não estar terminada, descrevo alguns dos aspetos mais relevantes. O primeiro grupo focal foi realizado junto a pessoas idosas; o mesmo aconteceu nas instalações da Universidade Sénior de Évora (USE), com quem pudemos colaborar e realizar esta atividade. As pessoas reunidas, todas mulheres, estavam a coser tapetes de Arraiolos enquanto lhes fomos fazendo algumas questões sobre a sua experiência de mobilidade na cidade de Évora. Este momento teve que acontecer ao mesmo tempo em que decorria uma atividade já programada, porque seria esgotante para as idosas deslocarem-se de forma propositada até às instalações da Universidade Sénior para se encontrarem connosco. Isto alterou ligeiramente o método de recolha de dados, não sendo propriamente considerado um grupo focal, mas sim uma entrevista informal de grupo, realizada de forma mais espontânea, para ser mais adaptado ao público alvo e tentar incorporar a atividade que estava a acontecer ao mesmo tempo. Partindo para algumas anotações sobre os testemunhos das idosas, todas concordaram que Évora não é uma cidade acessível; é complicado chegar aos pontos turísticos (Templo Romano, Praça do Giraldo, entre outros mencionados) e existe muito tráfego que complica a mobilidade das pessoas com “dificuldade em andar”, como referido pelas mesmas. O lugar que foi maioritariamente destacado foi as zonas junto dos hospitais (Patrocínio e Espírito Santo) de Évora onde existe maior dificuldade em aceder. O seguinte destaque está na recordação de como era a

cidade de Évora há 50 anos; não existiam tantos veículos e não existia tanto receio para as pessoas andarem a pé no meio da cidade. Algumas das estruturas que existem na cidade dificultam a mobilidade, nomeadamente os passeios, (falta de) corrimões, estradas e passadeiras. A calçada não se encontra preparada para as ruas inclinadas de Évora pois tornam-se muito escorregadias, especialmente quando está a chover – é muito difícil chegar aos serviços que se encontram no centro histórico de Évora por causa destes fatores, sendo o pavimento escorregadio aquilo que foi mais destacado como dificuldade para estas idosas. Outro aspeto a ponderar é a falta de estacionamento que acaba por influenciar a distância que é necessário percorrerem até serviços essenciais, como os hospitais e centros de saúde. Nenhuma das idosas dispõe de apoio ou a presença de um cuidador informal que possa apoiar as mesmas na realização das tarefas do seu quotidiano.

A entrevista seguinte ocorreu na Associação de Paralisia Cerebral de Évora (APCÉ) e estivemos junto de pessoas portadoras de paralisia cerebral e seus cuidadores informais (familiares); os cuidadores dão a sua assistência constante e estão presentes nas atividades e necessidades diárias destas pessoas. Todos necessitam de cadeiras de rodas para se deslocarem, sendo de forma autónoma ou com apoio; logo aqui se destacam inúmeros obstáculos que bloqueiam a mobilidade destas pessoas a lugares cruciais da cidade – a própria característica de “terreno irregular” da cidade inibe a circulação de cadeiras de rodas na cidade. Os pontos turísticos não estão preparados para receber pessoas com cadeiras de rodas, não tendo nenhum elevador ou rampa de apoio; as estradas apresentam bastantes buracos e os passeios de Évora são bastante altos e isso dificulta imenso a deslocação com a cadeira de rodas quando é necessário subir num passeio pois as cadeiras são muito pesadas por si só. Para os intervenientes deste grupo focal, os decisores políticos são elementos cruciais para as mudanças que a cidade precisa, mas confessam que quando existem processos de melhoria, isso também incomoda e impede a deslocação das cadeiras. Aspetos que são inibidores da deslocação das pessoas com cadeiras de rodas são muitas vezes a falta de civismo, pois há condutores que estacionam os seus carros em cima dos passeios. Um aspeto importante a destacar é o comentário de um interveniente que disse que Évora não pode ser Capital Europeia da Cultura se não tem acessibilidade, sendo que muitos elementos culturais não se encontram preparados para receber turistas com mobilidade condicionada (o teatro Garcia de Resende só em 2022 é que colocou a funcionar uma rampa de acesso que permite a entrada de pessoas em cadeiras de rodas). O acesso a transportes públicos, especialmente a comboios, é um desafio e processo de preparação para alguém de cadeira de rodas ter oportunidade viajar é bastante complicado, pois é um processo burocrático que deve ser realizado bastante tempo antes da viagem. Outra informação importante a reter é a preocupação e descontentamento dos cuidadores informais que não têm condições para cuidar dos seus

familiares em casa, principalmente para cuidados de higiene e até para saírem de casa têm muitos obstáculos junto das suas portas e em termos de estacionamento, não têm um lugar reservado para pessoas com mobilidade reduzida – a Câmara Municipal de Évora tem conhecimento de alguns casos e pedidos de ajuda, mas até agora não foram atendidos.

Aqui ficam algumas anotações destes grupos focais que já foram realizados. Com este exercício surgiram um conjunto de elementos que afetam diariamente as pessoas e o objetivo é enunciar estes mesmos testemunhos num artigo científico para posteriormente ser publicado e divulgado. Este artigo será publicado até ao final do ano de 2022.

### Projeto “EcoBooks”

Este é um projeto que tem tido um grande impacto na comunidade; o mesmo consiste na possibilidade de qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, contexto ou classe social poder publicar um texto, artigo, livro ou outro documento de qualquer natureza literária, de forma completamente gratuita. Este projeto foi dinamizado por uma equipa de trabalho que tratou das edições finais, revisão e estrutura de cada documento submetido.

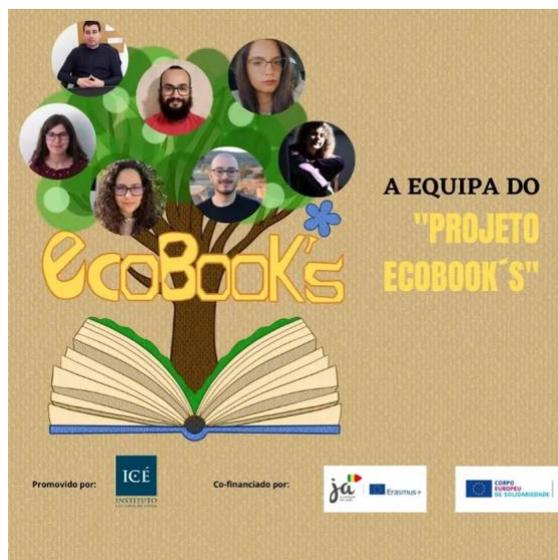
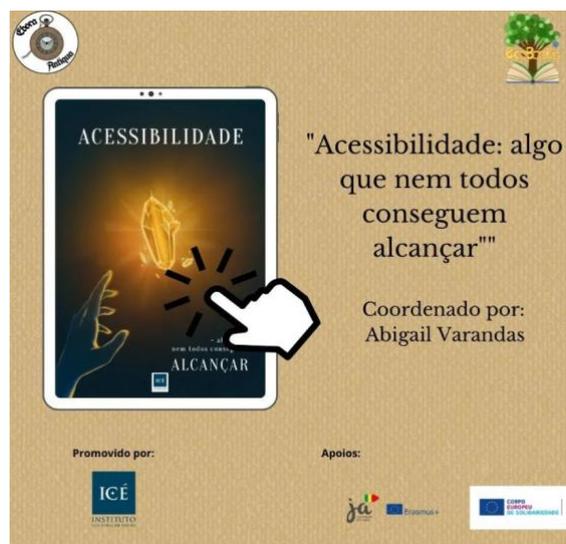


Figura 2- Divulgação da equipa do projeto "EcoBooks"

No âmbito deste projeto tive oportunidade de ser a coordenadora de um livro tendo como tema a acessibilidade e averiguar a visão de jovens, alguns deles deslocados, sobre a acessibilidade da cidade de Évora. Foi-lhes pedido que prestassem atenção à realidade que está à sua volta e, depois, escrevessem sobre o seu testemunho, colocando-se no lugar de uma pessoa com mobilidade condicionada. Muitos destes jovens deslocados são universitários e vivem na residência universitária António Gedeão; esta foi uma seleção por conveniência, dado que habitávamos no mesmo espaço. Os restantes jovens são habitantes de Évora e por isso também foi um exercício interessante, porque muitos não estavam despertos para determinados obstáculos e davam a sua condição como adquirida; estes jovens entenderam que Évora é uma cidade pouco acessível para aqueles que apresentam condicionantes físicas.



*Figura 3 - Divulgação da publicação do livro "Acessibilidade: algo que nem todos conseguem alcançar"*

Este livro integra tanto este projeto como o projeto “Ebora Antiqua”, contendo também testemunhos que abordam a acessibilidade a espaços rurais do concelho de Évora.

Estes testemunhos podem ser organizados de diferentes formas; alguns dos participantes destacaram obstáculos físicos como sendo a principal dificuldade que as pessoas com problemas de mobilidade podem sentir: “A cidade não é inclusiva porque não é acessível a todos os cidadãos, é uma cidade que tem bastantes obstáculos urbanos e na qual existe uma mobilidade pedonal muito reduzida.” [S. A.]. Outros destacam que a dificuldade está nas burocracias que impedem a intervenção na cidade, não apenas para torná-la mais inclusiva, mas também mais sustentável: “Évora, por ser uma cidade Património Cultural, existem diversas regras e legislações/burocracias, que desencorajam os arquitetos e outros, a promover esta mesma acessibilidade e até mesmo a tornar a cidade mais sustentável.” [C. Q.]

Um testemunho que ganha destaque é o testemunho de alguém que fala do polo universitário da Mitra, situado a cerca de 13km do centro da cidade. Este espaço também deve ser inclusivo pois circulam vários estudantes, professores, investigadores, funcionários, entre muitas outras pessoas que possam frequentar este espaço todos os dias, pois existe uma clínica veterinária e outros serviços naquele lugar; porém, este espaço não possibilita acesso a pessoas que possam ser portadoras de alguma dificuldade física. Se, eventualmente, algum aluno ou professor, necessitar circunstancialmente, de usar canadianas ou de estar numa cadeira de rodas, terá dificuldade em aceder e circular em alguns edifícios. “[...] os edifícios por norma estão muito afastados uns dos outros, chegando a 350m de distância entre edifícios, pelo meio de estrada (não há propriamente passeios). Dividindo o polo da mitra por zonas, e identificando as que eu frequento e observo, temos o anel, o hospital a cantina e os anfiteatros/laboratórios do novo edifício. Todos estes

espaços estão separados por longas distâncias, que torna muito difícil acesso a pessoas de cadeiras de rodas. Em relação ao local de anfiteatros, não existe uma rampa direta para o edifício, é uma zona de terra batida que vai dar a edifício e existe um desnível para entrar no edifício.” [D. B].

Outro elemento que ganha destaque entre os diversos testemunhos é a relevância dada ao facto de Évora ser cidade considerada património mundial. Este é um fator que os participantes consideraram importante, atendendo ao património único na cidade, mas destacam que é um grande obstáculo para a intervenção na cidade: “Tendo em conta que o centro histórico de Évora é considerando Património Mundial pela UNESCO, é difícil fazer corresponder as acessibilidades necessárias devido a não se poder mudar muito em termos espaciais dentro do centro histórico.” (J. O.); “A cidade de Évora, que é Património Mundial e que vive do turismo, não tem qualquer olhar para os problemas de mobilidade, que é algo que nos devia impactar a todos.” [J. L.].

Apesar de serem jovens e muitos deles estarem em Évora apenas para estudar, conseguem destacar que existem dificuldades e medidas que podem ser tomadas para tornar a cidade mais inclusiva.

### Projeto “Ebora Antiqua”

Integrei este projeto com o intuito de trazer uma perspetiva contrastante aos dos restantes elementos da equipa organizadora. O mesmo consiste numa série de ações de consciencialização do património em espaço rural que se situa no distrito de Évora. O objetivo principal deste projeto é incentivar novas atividades e iniciativas nas áreas de Arqueologia, História, Património, Sustentabilidade e Inclusão Social. Os dinamizadores são estudantes na Universidade de Évora, destes cursos mencionados, e querem dar visibilidade ao território e ao património rural local e, em simultâneo, trabalhar questões de turismo inclusivo no que diz respeito a pessoas com mobilidade reduzida, criando pontes de comunicação entre a cidade e os jovens locais utilizando meios digitais, estes mais sustentáveis e mais propensos à adesão do público mais jovem.

Os objetivos principais passam por averiguar a acessibilidade de pessoas com mobilidade condicionada a espaços de património rural e monumentos históricos localizados na periferia da cidade de Évora, criar uma plataforma digital sobre o património em espaço rural situado no concelho de Évora, dinamizar podcasts sobre as temáticas mencionadas e ações de sensibilização online sobre conservação e restauro, especificamente na Villa Romana da Tourega. Posto isto, estas atividades permitem trabalhar as áreas desejadas e valorizar o património rural eborense como espaços para turismo rural local. Pretende-se também fomentar uma cidadania ativa e

participativa por parte dos jovens voluntários, pois serão propostas medidas aos órgãos de poder locais sobre as problemáticas que possam surgir durante o diagnóstico e os resultados da mesma, indo ao encontro do conceito europeu de acessibilidade e criar ambientes que deverão ser adequados, seguros e agradáveis para todos.

À medida que for desenvolvendo o diagnóstico e investigação sobre o acesso das pessoas com mobilidade reduzida a monumentos históricos localizados nas zonas rurais, o que se pretende é chamar a atenção dos organismos locais e atores políticos para a inclusão de pessoas com mobilidade reduzida e lhes ser permitido o acesso seguro a locais de turismo rural.

De forma a concretizar este diagnóstico e reconhecimento foi lançado um questionário, construído através da plataforma online “Google Formulários”, sendo o mesmo disponibilizado e divulgado em diferentes meios e plataformas digitais. Neste questionário, para além de duas perguntas de natureza pessoal (a idade e localidade), procurámos saber, na perspetiva de quem estava a responder, se era portador de alguma limitação física ou sensorial que pudesse dificultar a sua mobilidade e, se sim, que descrevesse a mesma; direcionando para o património, perguntámos se já tinha frequentado alguns dos lugares enumerados (Villa Romana da Tourega, Castelo do Giraldo ou Aqueduto da Água da Prata, são estes os lugares mencionados no projeto) e se os mesmos eram considerados acessíveis. Procurámos saber quais são os espaços de património rural, ou mesmo no centro histórico, que estão adaptados ou não, conforme o conhecimento do inquirido e no final quisemos saber quais são as sugestões que podem ser dadas para tornar o património eborense mais acessível. Infelizmente não foi possível fazer a análise destes dados, pois o número de respostas não foi considerado representativo.

Entretanto foram realizadas determinadas atividades desenvolvidas por elementos da equipa, tendo sido efetuados podcasts e apresentações com o apoio de convidados especializados nos temas base deste projeto.



*Figura 4- Divulgação dos questionários sobre acessibilidade ao património rural*

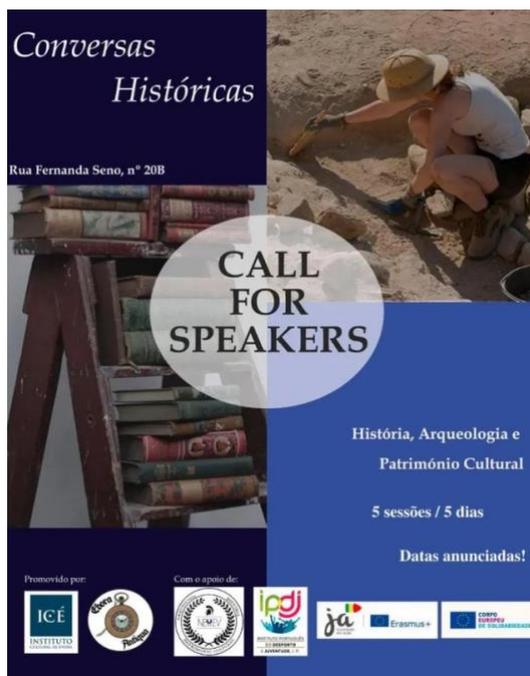


Figura 5 - Divulgação do ciclo de "Conversas Históricas" no âmbito do projeto Eborá Antiqua



Figura 6 - Divulgação dos Podcasts realizados no âmbito dom projeto Eborá Antiqua

## Candidaturas

Durante alguns momentos do meu estágio tive oportunidade de estar perto de uma nova realidade que até então não conhecia, mas que depressa entendi que é uma base do associativismo (e de muitas outras coisas) – as candidaturas a financiamento. De forma corriqueira, falávamos no escritório, “o mundo das candidaturas” é algo complexo, dinâmico e essencial para uma associação; sem candidaturas, uma associação, seja qual for a sua área de intervenção, pouco consegue fazer (até mesmo uma autarquia ou outras entidades do Estado). Fazer uma candidatura consiste na planificação de um projeto de forma escrita, quase como escrever as bases iniciais de uma tese: identificar um tema a trabalhar, formular os objetivos e a forma de os alcançar através da dinamização de atividades. Isto deve corresponder aos padrões de avaliação que a entidade que avalia a candidatura considera cruciais e para atribuir o financiamento é com base num sistema de pontuação e só os projetos com melhor pontuação recebem o financiamento. O sistema de pagamento é bastante particular porque é algo faseado, o que faz com que a gestão do dinheiro seja uma peça crucial para uma associação ter sucesso e fazer a distribuição correta conforme as necessidades que surgem durante o decorrer de cada projeto.

## Trabalho administrativo, participação e gestão de eventos

Outra oportunidade que me foi oferecida pelo estágio e associação foi a possibilidade de realizar trabalhos de natureza distinta, mais “administrativos”. Esta oportunidade deu-me a possibilidade de participar na organização de documentação, organização de eventos e workshops. Ainda foi possível participar em formações e integrar parte da Conselho Municipal da Juventude de Évora (CMJÉ) como secretária, em nome do Instituto Cultural de Évora.



*Figura 5 - Foto representativa da presença do ICÉ no CMJÉ*

Ainda neste contexto, tive oportunidade de participar num dos podcasts que integram o projeto “Ebora Antiqua”. Neste, foi-me dada a oportunidade de partilhar a minha visão pessoal, mas também a perspetiva das pessoas com quem conversei, os testemunhos de pessoas idosas e de pessoas cuidadoras de familiares com paralisia cerebral.

A cidade está diferente; comparativamente há 50 anos, os desafios são diferentes, mas as necessidades vão-se mantendo ao longo do tempo, sendo imperativo intervir.

Évora tem os estatutos de cidade património mundial, o que pode limitar a intervenção no centro histórico da cidade, mas a inquietação de cuidadores informais, e muitos outros, é a falta de intervenção nas redondezas do centro histórico. Nesses lugares é onde os passeios são péssimos para transportar pessoas portadoras de deficiências motoras, que para além de estarem confinadas a cadeiras de rodas, podem sofrer problemas respiratórios e o seu corpo não aguenta os balanços/impactos provocados pela calçada – muitas pessoas vêm-se limitadas pela sua condição física a não saírem de casa, sendo que o próprio contexto que lhes é proporcionado não favorece a sua autonomia e qualidade de vida.



*Figura 6 - Imagem de divulgação do Podcast do projeto "Ebora Antiqua"*

Por fim, uma experiência bastante interessante que tive oportunidade de participar foi o Encontro Nacional de Associações Juvenis (ENAJ). Encontro dinamizado e organizado pela Federação Nacional de Associações Juvenis (FNAJ). Este, aconteceu no ano de 2022 em Monte Gordo e foi uma excelente oportunidade para observar um pouco mais sobre as associações que estão no nosso país. No encontro tive o privilégio de integrar a equipa que esteve presente e representar o ICÉ; conheci e partilhei experiências com presidentes e membros de outras associações, divulguei projetos e dei a conhecer o trabalho que tem sido feito em Évora através da nossa associação. Foi uma compreensão e um sentimento de realização perceber que não é uma luta só de uma associação em Évora, mas sim de muitas outras que procuram o melhor para a comunidade onde estão inseridas.



*Figura 7 - Equipa do ICÉ presente no ENAJ*

## Desafios e dificuldades

Durante o período de estágio ocorreram alguns imprevistos que dificultaram a realização de algumas atividades como tinham sido originalmente planeadas. Logo desde o princípio estaria previsto iniciar o estágio no dia 31 de janeiro de 2022, porém, por ter contraído o vírus SARS-COV2, apenas comecei a estagiar no dia 9 de fevereiro. Na primeira semana foi feito o planejamento das tarefas a realizar e a forma de trabalho para os meses seguintes, porém, nem tudo resultou da forma como foi organizado.

De forma a alcançarmos testemunhos de pessoas que habitam na cidade, procuramos junto de um público mais jovem, no entanto, inicialmente ninguém estava predisposto a tirar do seu tempo para fazer um exercício de observação e escrever sobre o seu quotidiano; a solução encontrada foi proporcionar um comprovativo/certificado de participação que refere a publicação dos testemunhos das pessoas num livro digital, contando para todos os participantes como publicação em seu nome.

O segundo obstáculo a destacar foi a dificuldade em mobilizar pessoas para a realização do questionário mencionado no capítulo anterior, é difícil motivar pessoas que não têm “nada a ganhar” com o seu contributo. Mesmo existindo a possibilidade de divulgação nos mais diversos meios de comunicação, como rádios, redes sociais e e-mails, estes não foram suficiente para atingir a quantidade de pessoas que gostávamos de ter. Mesmo assim, o questionário foi realizado e as respostas obtidas foram guardadas como informação pertinente para o projeto.

Outra dificuldade que aconteceu pelo caminho foi a necessidade de ter dependido de outras entidades para realizar atividades. Ao ter a necessidade de realizar trabalhos, entrevistas ou conversas informais, acabei por nunca depender só de mim e isso acabou por condicionar parte do trabalho e da recolha de informação que estava planeada. Sendo este um ponto que, por vezes, me frustrou. Algumas das razões foram as pessoas chegarem atrasadas ou não haver disponibilidade, compatibilidade de horários e datas para se realizar determinado evento.

No decorrer do estágio e com atividades a serem realizadas ao mesmo tempo, tive alguma dificuldade em gerir o meu tempo útil. Consegui remediar tendo escrito tudo num caderno que acabou por ser o meu diário de campo. Escrevi atividades e tarefas que tinha a realizar, mas também pequenos comentários pessoais que me ajudaram na construção deste relatório para que não me esquecesse de escrever sobre pormenores que são importantes, mas que poderiam não ter sido destacados por esquecimento.

Outro aspeto a destacar e que me afetou no final da escrita deste relatório foi a desvalorização do tema da acessibilidade por parte das entidades competentes e que têm a capacidade para melhorar as condições de vida e bem-estar das pessoas com mobilidade condicionada. Após ter estado na presença de decisores políticos, a questão da acessibilidade é pouco discutida; numa sessão em que se abordaram as debilidades da cidade no que diz respeito à intervenção urbana para colmatar fragilidades existentes nos passeios e estradas da cidade, foi referido que pouco pode ser feito, porque os problemas que estão presentes em vários pontos da cidade são centenários, por isso mesmo demoram a ser intervencionados. Isto trouxe um sentimento de insatisfação e desmotivação para com a exposição deste tema para quem não se preocupa e tem poder para fazer a diferença, na minha visão pessoal.

## Considerações Finais – Uma análise reflexiva e crítica das práticas realizadas

Perante as imensas atividades realizadas no estágio desenvolvido acima foi dado maior ênfase às que estão ligadas ao tema da acessibilidade, aos projetos que tiveram vertentes ligadas à mobilidade dos habitantes de Évora, sendo que ainda existem atividades por terminar e que desenvolvem ainda mais esta questão.

Pude entender que um ambiente de trabalho saudável, uma boa equipa, uma boa gestão administrativa são os pilares para o sucesso de uma associação e acredito que seja para qualquer outra entidade. Os relacionamentos e interação social que fomentem uma equipa de trabalho estável e empenhada são fatores cruciais para o bom desempenho de todas as atividades e projetos e para o sucesso de todo o trabalho que é feito, nas diferentes áreas de intervenção. Denoto que houve boa liderança e o presidente da associação é alguém competente e capaz de orientar, dinamizar e apoiar a sua equipa para a mesma desenvolver os seus talentos e capacidades para fazer um trabalho eficiente.

Tal como fui averiguando através da pesquisa bibliográfica, o papel do sociólogo é bastante versátil e dinâmico; a perceção que existe no olhar sociológico sob determinada situação, fenómeno ou projeto é essencial para identificar falências, aspetos a melhorar e formas de resolver problemas inesperados – existem imprevistos que o sociólogo deve ter capacidade de solucionar.

Neste processo, um conceito que fui retendo ao longo do tempo é o de “agenda oculta”, conceito que significa a presença de interesses pessoais, intrínsecos das pessoas que integram uma instituição e procuram satisfazer os seus objetivos pessoais através da sua presença numa organização, sendo esta apenas o meio para um fim, não havendo preocupação para com os objetivos gerais da mesma. Isto não aconteceu diretamente na associação que integrei durante estes meses, mas pude observar situações e entender que é muitas vezes conveniente a membros de associações, realizar determinados projetos, apenas por conveniência.

Com as diversas oportunidades que tive para trabalhar a temática da acessibilidade, acredito que foi possível alcançar os objetivos inicialmente estipulados, mas admito que de forma menos pormenorizada do que pretendido. Muitas das pessoas que circulam diariamente na cidade de Évora são estudantes que caminham para os polos universitários diariamente e que também usufruem de espaços públicos e lugares onde usufruem de entretenimento. Da mesma forma,

pessoas idosas e pessoas que necessitam de cadeiras de rodas são o público que foi alcançado para apresentar o seu testemunho, as dificuldades que sentem e a sua experiência de mobilidade na cidade de Évora. Através dos grupos focais que foram feitos e do livro que foi organizado com o conjunto de testemunhos de jovens que habitam em Évora, foi feito um levantamento de diversos obstáculos existentes na cidade e sugestões foram levantadas de modo a fazer frente aos problemas que são característicos na cidade.

Poucos são os apoios dados a pessoas com mobilidade condicionada, conforme foram as respostas de muitos cuidadores informais que sentem que não têm ajuda para cuidar dos seus familiares, não conseguindo usufruir das promessas que lhes foram feitas, mas que ainda não foram concretizadas; caso queiram usufruir de ajuda têm que ter meios financeiros para ter os cuidados ideais para com os seus filhos, pais ou amigos que têm mobilidade reduzida.

Acrescento que existem muitas perspetivas distintas de como experienciar a cidade de Évora, mas todas elas dependem da estrutura da cidade, dos seus passeios, passadeiras, subidas e descidas, das condições das suas ruas.

Realço que existem atividades que foram realizadas ao longo deste período de estágio que não foram mencionadas neste relatório, por não terem muitas componentes relacionadas com a temática em estudo e de origem mais simples (por exemplo, inventariar livros). No entanto, destaco que foi uma experiência marcante, de aprendizagem constante que por vezes me deixava extasiada por não ter ideia de que um sociólogo deveria ter tantos conhecimentos distintos e modos de trabalhar de formas tão dinâmicas que abriram a minha visão sobre o mundo, mas também sobre a importância dos pequenos pormenores. Foi uma experiência que me preencheu com mais do que conhecimento e aprendizagens, mas formas de trabalho e perspetivas e soluções que levarei comigo para qualquer trabalho que venha a seguir no meu percurso.

Para concluir, destaco que Évora é uma cidade com imensa potencialidade, no entanto, acredito que as opiniões que foram sendo aqui deixadas neste relatório podem ser um contributo valioso para tornar a cidade mais inclusiva e acessível para todos. O Alentejo é uma região bastante envelhecida e aumenta cada vez mais o número de idosos que necessitam de apoio e compreensão para com as suas situações mais debilitadas face às dificuldades físicas que apresentam; torna-se cada vez mais desafiante fazer parte da comunidade e satisfazer as suas necessidades básicas de vida; este é um aspeto referente ao primeiro objetivo estipulado neste relatório.

Conforme referido pelos cuidadores de pessoas com paralexia cerebral, Évora é uma cidade com inúmeros obstáculos, com pouca acessibilidade para melhorar; os seus passeios são estreitos, os edifícios são de difícil acesso e a calçada irregular é transtornante para as pessoas que andam de

cadeira de rodas. Existem poucos apoios para com as pessoas com deficiência, são muitas as adversidades, são muitas as promessas, mas na prática ficam coisas por cumprir.

No entanto, tal como são inúmeros os testemunhos expressos neste relatório, também são várias as sugestões para inovar e tornar Évora uma cidade inclusiva. Os idosos salientam a necessidade de tornar o piso menos escorregadio, colocar corrimões para que as pessoas se possam segurar e sentir seguras em zonas de maior dificuldade, existirem mais rampas de acesso e estacionamentos próprio para idosos. Os jovens destacam que seria importante melhorar os serviços de transporte público; criar uma estratégia de transporte de estudantes pela cidade, de forma aos mesmos não terem que se deslocar de carro para os respetivos polos universitários; é sugerido a renovação ou manutenção da calçada dentro e fora das muralhas de Évora. Entre outras sugestões que já se encontram descritas ao longo dos restantes capítulos do relatório, o mais importante é a esperança que existe para a renovação da cidade de Évora, o sonho que a cidade será transformada e atender ao desejo da inclusão focada em melhorar a qualidade de vida das pessoas que querem viver a cidade de Évora.

## Bibliografia

Amor, T. (2011). “Percorrendo a (C)idade com idosos: a construção urbana da vulnerabilidade.” *Cidades, Comunidades e Territórios*. 23, 21-40

Câmara Municipal de Évora (2015). Avaliação Permanente do Espaço Público: Tipologias e Estados de Conservação dos Pavimentos de Centro Histórico. [Disponível em: [https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2020/07/RELATORIO\\_03\\_Tipologias\\_Estados\\_Conservacao\\_Pavimentos\\_Centro\\_Historico.pdf](https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2020/07/RELATORIO_03_Tipologias_Estados_Conservacao_Pavimentos_Centro_Historico.pdf)]

Carmo, R. M. (2006). “Cidades médias: do crescimento demográfico à consolidação territorial”. *Cidades, Comunidades e Territórios*. 12/13, 69-82 [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/3432>]

Costa, A. F. (2004). “Será a sociologia profissionalizável?”. *Sociologia no Ensino Superior: Conteúdos, Práticas Pedagógicas e Investigação*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 35-58.

Costa, A. F. (2018). “Sociólogos: Associativismo Inclusivo versus Fechamento Corporativo”, *Sociologia On Line*, nº18, 81-87

Instituto Nacional de Estatística. (2022). Censos – Resultados Definitivos 2021. [Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_bo ui=65586079&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_bo ui=65586079&PUBLICACOESmodo=2)]

Fernandes, A. (2017). “Planear a cidade com as pessoas”. *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*. 14, 73-95. [Disponível em: <https://revista.aps.pt/pt/planear-a-cidade-com-as-pessoas/>]

Fernandes, S., Ferro, H., Abrantes, A., Camelo, N., Ricardo, N. (2021) Carta Social do Concelho de Évora. Câmara Municipal de Évora. [Disponível em: <https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2020/10/CartaSocial-V3.pdf>]

Fontes, F. (2016). *A deficiência em Portugal*. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos

Fonseca, C. (2012). Reflexão sobre o papel do técnico na qualificação e integração socioprofissional de pessoas com deficiências e incapacidades. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/5123>]

Goffman, E. (1988). Estigma: Notas sobre a natureza da identidade deteriorada. Editora LCT. [Disponível em: [https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma\\_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf)]

Martins, C. D. (2018). Deficiência e inclusão em Portugal: as políticas para quem quer ser ouvido. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão. [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/17316>]

Nunes, N. Cachado, R.A., Raposo, O., Ferreira, D., Carmo, R.M. (2016). “Ação coletiva à escala individual e local: perfis e retratos sociológicos”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 81, 95-113. [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/11590>]

Observatório da Deficiência e dos Direitos Humanos (2022). “Pessoas com Deficiência em Portugal - Indicadores de Direitos Humanos 2021”. [Disponível em: <http://oddh.iscsp.ulisboa.pt/index.php/pt/2013-04-24-18-50-23/publicacoes-dos-investigadores-oddh/item/557-relatorio-oddh-2021>]

Oliveira B., Levezinho C. (2015). “Sociologia pública e serviço público: representações, práticas e papéis profissionais entre público e privado”. *Sociologia On line*. 9, 73-96. [Disponível em: <https://revista.aps.pt/pt/sociologia-publica-e-servico-publico-representacoes-praticas-e-papeis-profissionais-entre-publico-e-privado/>]

Oliveira, M. (2012). “O Conceito de representações coletivas: uma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares”. *Debates do NER*. 22, 67-94 [Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/30352>]

Pinto, P.C., Neca P. (2020). *Pessoas com Deficiência em Portugal*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa.

PORDATA. (2022). Famílias unipessoais segundo os Censos: total e com 65 e mais anos. [Disponível em: <https://www.pordata.pt/municipios/familias+unipessoais+segundo+os+censos+total+e+com+65+e+mais+anos-36>]

PORDATA. (2022). População residente segundo os Censos: total e por grandes grupos etários. [Disponível em: <https://www.pordata.pt/municipios/populacao+residente+segundo+os+censos+total+e+por+grandes+grupos+etarios-22>]

Rodrigues, W. (2010). *Cidade em Transição: Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*. Editora Celta. [Disponível em: [https://www.academia.edu/1467081/Cidade\\_em\\_transi%C3%A7%C3%A3o\\_nobilita%C3%A7%C3%A3o\\_urbana\\_estilos\\_de\\_vida\\_e\\_reurbaniza%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Lisboa](https://www.academia.edu/1467081/Cidade_em_transi%C3%A7%C3%A3o_nobilita%C3%A7%C3%A3o_urbana_estilos_de_vida_e_reurbaniza%C3%A7%C3%A3o_em_Lisboa)]

Rodrigues, W. (2005). “Planeamento e governança territorial: uma reflexão sociológica a partir do terreno”. *Cidades, Comunidades e Territórios*. 10, 25-34 [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/3415>]

Rodrigues, W. (1992). “Urbanidade e novos estilos de vida”, *Sociologia Problemas e Práticas*. 12, 91-107 [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/1079>]

Santos, M., Baltazar, M. S. (2017). “O Papel de Sociólogos em Projetos de Intervenção Social: A experiência de docentes e investigadores da Universidade de Évora ao longo de vinte anos”. *Sociologia On Line*. 14, 15-28 [Disponível em: [10.30553/sociologiaonline.2017.14.1](https://doi.org/10.30553/sociologiaonline.2017.14.1)]

Santos, S. (2014). *Desigualdades socioterritoriais e mobilidade geográfica: um retrato da Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa, CIES-IUL. [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/9882>]

Simplex + (2019). “Guia Prático: Os Direitos das Pessoas com Deficiência em Portugal” [Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/documento?i=guia-pratico-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia-em-portugal>]

Tavares, D. (2016). *Introdução à Sociologia da Saúde*. (Reimpressão). Edições Almedina

Worsley, P. (1977). *Introdução à Sociologia*. (3ª edição). Publicações Dom Quixote.